

A dramatic image of a rose being consumed by fire. The rose is dark and charred, with bright orange and yellow flames erupting from its base and petals. The background is a deep, dark blue, filled with a shower of small, glowing orange embers and sparks that appear to be falling from the burning rose. The overall mood is one of intense heat, destruction, and perhaps a sense of loss or sacrifice.

SLOAN HARLOW

tudo
o que
perdemos

SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Abandono

Alcoolismo

Conteúdo sexual

explícito

Desigualdades sociais

Insegurança econômica

Luto e perda

Morte

Relacionamentos tóxicos

Sangue

Trauma

Violência

*Para aqueles que caíram do topo, olharam para cima
e, ainda assim, começaram a escalar de novo.*

prólogo river

A minha mãe jogava na lotaria todas as sextas-feiras. Parava na estação de serviço a caminho de casa, depois de limpar a mansão que estava na ronda dessa semana, e comprava as raspadinhas com o maior prêmio. Ganhava aqui e ali. Pequenas quantias: às vezes, o custo do jogo, outras vezes, um pouco mais. Uma vez, até ganhou mil dólares. Contudo, o mais habitual era não ganhar nada, e ela parecia genuinamente surpreendida sempre que isso acontecia. Acho que acreditava verdadeiramente que, um dia, as probabilidades jogariam a seu favor. Que, um dia, ela seria milionária e que a sua vida seria magicamente melhor, a vida de todos nós. As dívidas infundáveis do seu curso superior inacabado iriam simplesmente evaporar-se. A necessidade de o meu pai arranjar um segundo e, por vezes, até um terceiro trabalho desapareceria da noite para o dia. Eu iria para a faculdade sem pensar duas vezes nas propinas.

Seríamos ricos e felizes, mas seríamos responsáveis, o tipo de família que não seria destruída de dentro para fora devido à sua nova riqueza.

Quando fiz 15 anos e descobri as probabilidades de ganhar a lotaria — «uma em trezentos milhões», como entoado pela



minha professora de Estatística —, disse à minha mãe que era melhor ela poupar o seu dinheiro em vez de o desperdiçar em bilhetes de lotaria todas as semanas. Ela limitara-se a sacudir as sobrancelhas e a dizer:

— Alguém tem de ganhar. Porque não eu?

Pelo que sei, ela nunca ganhou a lotaria.

Já eu, ganhei. E custou-me tudo.



capítulo 1

river

Os cemitérios são os lugares mais verdes em toda a cidade de Scottsdale, no Arizona. Mais verdes ainda que o campo de golfe do melhor country club da cidade, algo que só sei porque a minha mãe trabalhou lá nas limpezas quando eu tinha 7 anos, e o chefe dela costumava deixar-me comer gelados da banca de snacks junto ao décimo terceiro buraco.

O Ocotillo Ridge Memorial Park não é exceção. Aqui, não há terra vermelha, nem gravilha. Não há arbustos empoeirados, nem matéria vegetal esbatida. Apenas uma extensão limpa de erva verde brilhante, e que se lixe a escassez de água. O mar de verde é apenas interrompido por lápides e por um punhado de árvores em flor, que embebem o ar do cheiro a gomas das acácias e do aroma a refrigerante de uva dos loureiros-da-montanha do Texas. O pai adorava aquelas flores roxas pendentes, aquele aroma doce. Foi por isso que recorri ao meu dinheiro do GoFundMe — o pé-de-meia duvidosamente ganho em que eu prometera não tocar exceto numa emergência — para lhe garantir um lugar aqui, para ele poder estar sempre perto daquelas flores.

É nas árvores que me foco agora, no modo como brilham à luz matinal. Não me concentro no modo como o padre diz



o nome do meu pai — «Jay San-TOS» — e como parece errado na sua língua desajeitada. Tal como os professores de substituição costumavam dizer o meu nome, indiferentes, sem se darem ao trabalho de compreender as vogais ou a pronúncia, porque, dentro de uma hora, esse nome já não existiria para eles.

Se me focasse em quão errado soa, teria de me focar em quão errado tudo isto é. No facto de o meu pai estar ali deitado num caixão de cedro, à espera de que o baixem para a terra, em vez de estar aqui de pé, ao meu lado. De a minha mãe nem sequer ter telefonado, quanto mais aparecido, para o funeral dele. De que a vida tal como eu a conhecia se desfez em cinzas apenas há duas semanas, quando a minha casa se incendiou, levando tudo com ela: a minha guitarra, os meus livros de canções, os meus diários, as minhas roupas, *tudo*.

E, o mais importante, o meu pai.

Devido à dimensão dos estragos, os bombeiros não conseguiram dizer-nos exatamente o que aconteceu, apenas que talvez tenha sido um problema elétrico. Tudo na nossa casa estava tão velho ou meio avariado que, honestamente, podia ter sido qualquer coisa. E assim que o incêndio deflagrou, ardeu tão depressa e intensamente que o meu pai nem sequer conseguiu sair do quarto. Todos dizem que é um milagre eu ter sobrevivido. Que sou tão «sortuda» por ter conseguido de algum modo sair de casa e chegar ao jardim da frente, onde os bombeiros me encontraram, desmaiada fruto da inalação de fumo. Não faço ideia de como o consegui; tudo o que guardo dessa noite são vislumbres adulterados pelo fumo e nada que condiga com uma «fuga destemida».

E pessoalmente? Não chamaria «sorte» a nada disto.

Através da névoa que me envolveu desde que acordei no hospital, reparo em quantas pessoas estão aqui. Reconheço a maioria delas. A Gertie, a dona do diner em que trabalho há

anos, leva um lenço ao nariz. Professores da Escola Secundária de Scottsdale, de que sou finalista, bem como funcionários e alunos da Escola Preparatória Mojave, onde o meu pai era treinador de futebol americano, olham solenemente em frente. Os seus treinadores assistentes estão de pé numa linha, usando um uniforme improvisado de casacos elegantes e gravatas; os jogadores usam os blusões da equipa apesar do calor, com expressões sombrias.

Graças a Deus que a Tawny está aqui: a minha melhor amiga no mundo inteiro. E depois de tudo o que aconteceu, mais ou menos a minha única amiga. Todos têm sido muito simpáticos e prestáveis, mas a Tawny McGill é a única pessoa cuja companhia suporto. Também parece ser a única pessoa viva que me conhece profundamente, que sabe aquilo de que preciso sem que eu tenha sequer de dizer.

O meu ex, o Noah Pierce, também está aqui, embora tenha evitado cuidadosamente fazer contacto visual comigo desde que chegou com o pai. Talvez seja pelo melhor, já que a Tawny explodiria com uma fúria protetora se ele se chegasse a menos de um metro e meio de mim.

Junto aos Pierces, está uma dúzia de tipos da reunião regular dos AA (Alcoólicos Anónimos) do meu pai, tendo a parte «anónima» da equação sido esquecida, após anos de churrascos no quintal ou de um ou outro nos abordar durante o nosso pequeno-almoço semanal, no diner, para partilhar que o meu pai literalmente lhe salvara a vida.

Enquanto olho para o mar de rostos manchados de lágrimas, para esta multidão unida pelo amor e pelo apoio do meu pai, não consigo calar aquela vozinha dentro de mim que pergunta: *Mas onde está ele?*

É um refrão familiar na minha vida. Sempre que me levantei para cantar, desde o meu primeiro concerto, aos 8 anos,



até ao meu último, aos 17, enquanto caminhava para o palco, com os saltos a ecoarem na madeira velha e gasta, o meu primeiro pensamento era sempre:

Onde está o pai?

Olhava para a multidão, à procura apenas dele. Encontrava-o: o sinal na sua bochecha esquerda; o denso cabelo preto; os olhos escuros e sorridentes. Ele erguia a mão, acenando sem parar. Naquele momento, eu era uma cantora famosa, uma celebridade. Acenava sempre de volta, até a mãe lhe puxar o pulso, envergonhada mas a sorrir, enquanto prendia um fio de cabelo louro atrás da orelha.

Onde está o pai?, penso outra vez. Saber a resposta deixa-me arrasada.

Como se tivesse reparado que estou prestes a desfazer-me em pedaços, a Tawny encosta-se a mim e sussurra-me ao ouvido:

— Estou aqui para ti, River.

— Estamos as duas — murmura a Tita Anna do meu outro lado, entrelaçando os dedos nos meus.

A Tawny põe um braço à volta do meu ombro, apertando-me com força. É o único motivo por que não me desintegro. Fico ali, no seu abraço, durante o resto da cerimónia, enquanto o padre termina o sermão, e depois pessoa após pessoa avança para partilhar as suas memórias do meu pai, as formas profundas como ele tocou as vidas de cada uma delas. A Tawny fica rígida ao meu lado a cada discurso, transformando-se em pedra para eu não quebrar. Ela e a Tita Anna dão o seu melhor para formar uma barreira à minha volta, mas nem elas me conseguem proteger do fim do funeral, do momento em que baixam o caixão — *o meu pai* — para a sepultura.

Não estou pronta. Não consigo. Viro a cabeça e enterro o rosto no vestido preto da Tita Anna. *Ainda não.*



À medida que todos passam por nós, murmurando rondas de «lamento muito», «ele era um grande homem» e «vou sentir a falta dele», permanecem ali, tão imóvel como as lápides que nos rodeiam.

— Devíamos ir, querida — diz a Tita Anna por fim, afastando-me o longo cabelo escuro do rosto.

Parece que só passaram segundos, mas uma olhadela ao relógio diz-me que é quase meio-dia, o que significa que a cerimónia terminou há uma hora. Só resto eu, a Tita Anna e a Tawny, além de um funcionário do cemitério, que se mantém a uma distância respeitável, com a pá na mão.

— Espera — digo, de repente frenética, à procura das palavras para expressar os meus sentimentos impossíveis. Por muito que me custe estar aqui, assim que sair deste cemitério, vai tornar-se tudo insuportavelmente real. Não posso ir-me embora sem o meu pai. Não posso deixá-lo aqui sozinho.

Uma mão encontra o meu ombro. Tita Anna.

— Ele vai ficar bem. Podemos vir visitá-lo sempre que te apetecer.

— Posso arranjar-lhe um saguaro? — pergunto, agarrando-me a qualquer coisa, nem que seja só por mais um segundo, para tornar este momento menos horrível. Há um espacinho à direita do buraco retangular na terra arenosa, um lugar para a vida neste local que contém tanta morte.

— Claro — diz a Tita Anna, guiando-me suavemente em direção ao carro. A Tawny segue ao meu lado, como uma sombra reconfortante.

Enquanto caminhamos para o parque de estacionamento, o telemóvel de alguém vibra e vibra. Só me apercebo de que é o meu quando a Tawny dá um toque na minha mala.

— Queres ver quem é? — pergunta ela. — Ou podia desligá-lo por ti?



— Ah. — Tiro o telemóvel, que está pejado de notificações.

Varro a litania de mensagens de «Lamento» e «Se puder fazer alguma coisa», prestes a desligar o aparelho, quando surge um novo alerta do GoFundMe.

Uma parte de mim ainda está um pouco constrangida por aquele canto da Internet conhecer todo o meu drama, pormenor atrás de pormenor, exposto à vista de todos. Mas não posso negar o jeito que o dinheiro do GoFundMe tem dado. Tínhamos sempre contas em atraso e fiquei a saber que o nosso seguro da casa expirara. Isto significou que depois do incêndio não tinha literalmente nada a que chamar meu, não tinha dinheiro para reconstruir a casa, nada físico para revender, absolutamente nenhuma rede de segurança. No segundo em que expressei a minha preocupação quanto a pagar a conta do hospital, a Tawny acenou impacientemente com a mão.

«Não te preocupes. Está tudo tratado.»

«Mas como?», perguntei, estupefacta.

Ela ergueu o telemóvel, mostrando-me a publicação que tinha escrito no GoFundMe, a descrever o que tinha acontecido, além de uma foto minha e do meu pai no Prickly Pear, uma sala de concertos local onde costumava cantar na noite de microfone aberto.

«Não tinhas de fazer isso», protestei, mas ela limitou-se a encolher os ombros.

«É literalmente o mínimo que posso fazer, dado... bem, tudo.»

Durante quase duas semanas até ao funeral e dias depois, o meu telemóvel não parou de vibrar com notificações. Um donativo de cinco dólares aqui. Setenta e cinco dólares ali. Alguém até deu quinhentos. Alguns dos donativos eram de nomes que reconhecia, outros de pessoas em estados distantes que leram sobre o que acontecera e alguns eram



simplesmente anónimos. A pouco e pouco, o valor total aumentara, primeiro para as centenas, depois para os milhares e, por fim, espantosamente, para as dezenas de milhares. Fiquei simultaneamente espantada pela generosidade e consideração de todos, e enojada ao pensar que estava de algum modo a lucrar com esta tragédia horrível. Quando disse isto mesmo à Tawny, ela limitou-se a rir e a abanar a cabeça.

«River, só tu podias pegar numa coisa boa e deturpá-la. Não tens culpa de que os cuidados de saúde aqui sejam tão caros. Nem de que os teus pais não tivessem uma riqueza incalculável de gerações. Não é dinheiro sujo: é uma tábuia de salvação. Aceita-o simplesmente e agradece.»

E foi o que fiz.

Agora, a página demora um segundo a carregar, mas quando isso acontece eu estaco.

Elas não reparam durante alguns passos. A seguir, a Tita Anna vira-se e corre para junto de mim quando vê a minha cara.

— Estás bem? Aconteceu alguma coisa?

Não consigo falar, por isso levanto o telemóvel e mostro-lhes o valor do GoFundMe. De repente, aqueles dígitos têm muito mais zeros. Muitos, *muitos* mais.

Porque alguém acabou de doar anonimamente dois milhões de dólares.





**seis
meses
depois**

capítulo 2

river

Estou sentada em cima de uma caixa de laranjas gordas e maduras, encolhida e a tremer, enfiada entre as prateleiras altas de produtos frescos na câmara frigorífica do Gertie's Diner. Tenho a cabeça encostada a uma caixa de cartão cheia de cebolas brancas, tão pesadas e redondas como bolas de softball. Através dos buraquinhos de lado, consigo cheirar quão frescas são, como chorarei quando as cortar amanhã, durante a preparação das refeições.

É irónico, já que neste momento estou a tentar não chorar, e a falhar.

E tudo por causa da minha primeira mesa. Era uma família: uma mãe, um pai e uma menina com cabelo preto e comprido.

«Três fatias de bolo de cenoura», disse o pai. «Sei que é um pouco cedo, mas comemos sempre bolo ao pequeno-almoço no aniversário dela.»

Durante um instante, a cena mudou por completo; durante um instante, era eu e os meus pais quem estávamos ali sentados, a pedir bolo ao pequeno-almoço, como fizera em todos os aniversários desde que tinha memória. Mas com igual rapidez, a cena reordenou-se e a realidade abateu-se sobre mim. Não éramos eu e os meus pais ali sentados, e nunca mais seríamos.



Mal me contive antes de abrir com esforço a pesada porta de metal e mergulhar no ambiente maravilhosamente frígido da câmara frigorífica, onde estou escondida há dez minutos muito frios.

Agora, ouço a porta da câmara a abrir-se, o som revelador de alguém a passar pela cortina de fitas plásticas. Não consigo ver a porta do meu esconderijo entre as torres de ovos e blocos de cheddar, mas sei quem é.

Limpo os olhos e faço uma inspiração profunda, tentando recompor-me.

— Desculpa, Tawn. Vou já.

No entanto, quando abro os olhos, expiro sobressaltada, e a minha respiração rodopia visivelmente no ar frio. É que não estou a fixar os olhos cor de avelã da minha melhor amiga. Em vez disso, é o Logan Evans, a última pessoa que gostaria que me apanhasse a chorar na câmara frigorífica.

— Tu não és a Tawny — digo.

— Não — confirma ele —, não sou.

Cruza os braços musculados, inclinando a cabeça para mim no momento em que o compressor da câmara fria se liga com um rugido. Uma madeixa de cabelo espesso e escuro cai-lhe sobre a testa, quase tocando a sua sobrançella levantada. O maxilar está cerrado, fazendo parecer o seu rosto ainda mais esculpido do que o normal.

Não há como negar: o Logan Evans é atraente. Está cá há sete meses, e a sua beleza ainda me apanha de surpresa.

A Tawny quase deixou cair uma pilha de pratos da primeira vez que o vimos a falar com a Gertie no ano passado, a respeito da placa de PRECISA-SE FUNCIONÁRIO na janela da frente.

«Quem raio é *aquela*?», perguntara ela. «Parece um príncipe que a Disney teve de despedir por provocar demasiados despertares sexuais precoces.»



Contudo, no seu primeiro dia, choquei acidentalmente com ele com uma bandeja cheia de Coca-Cola Light. Peguei atabalhoadamente numa toalha para lhe limpar a t-shirt ensopada, atrapalhando-me toda ao pedir-lhe desculpa. Mas em vez de aceitar a minha ajuda, ele recuou, como se o meu toque o tivesse queimado. Quando encontrei o seu olhar, a sua expressão deixou-me sem fôlego. Havia uma fúria inconfundível nas suas feições, como se ele me *odiasse*, embora só me conhecesse há menos de uma hora.

Depois disso, por mais que eu tentasse ser amigável, ele quase não me dirigia a palavra, além do necessário. «Podes reencher a maionese?», era a nossa conversa de circunstância.

«Ele sabe que é hot», queixara-me à Tawny, observando-o a trabalhar numa mesa com duas avozinhas risonhas, odiando o modo como o meu estúpido coração martelava ao ver o seu sorriso, odiando reparar tanto nele quando ele nunca reparava em mim. Odiando a forma como me importava, embora já tivesse o namorado perfeito. (Tento não me deter no «tivesse» ou em pensamentos sobre *ele*.) «Usa aquela cara como uma arma.»

Agora, limpo os olhos e viro-me para ficar de frente para o Logan.

— Desculpa, estou só a ter um dia mau.

Ele agacha-se até os nossos olhos ficarem ao mesmo nível, tão perto que consigo ver manchinhas amarelas espalhadas pelas suas íris azuis. Durante um breve instante, quase juro que vejo uma ponta de afeto ali. Ele estica a mão e, de repente, eu paro de respirar.

Será que o Logan Evans, que quase nunca me disse cinco frases completas, que raramente sorri ou mostra alguma emoção em relação a mim além de irritação, me vai *consolar*?

Mas em vez de me tocar, ele estica o braço para trás de mim, agarrando em algo entalado atrás das minhas costas.

O movimento desequilibra-me e tenho de me apoiar com as mãos para não cair.

— A Gertie pediu-me que viesse buscar mais laranjas. Estamos sem sumo. — Os seus olhos regressam aos meus. — Estás... sentada na nossa última caixa.

Perfeito. Simplesmente perfeito. No momento exato em que espero que este chão de metal gasto se abra e me engula por inteiro, a porta da câmara frigorífica abre-se de novo.

— Eu tratei deles, dei-lhes fatias de bolo de cenoura. Que-rida, nem consigo imaginar... — A Tawny não termina, ficando a pestanejar para as costas do Logan, que pega nas laranjas em silêncio.

Quando tem os braços cheios, levanta-se e sai de entre as prateleiras, quase deixando cair uma laranja ao esforçar-se cuidadosamente por não roçar em nenhuma de nós. Ele nem se digna a lançar-nos um olhar que seja.

As narinas da Tawny dilatam-se.

— Juro que ele age como se tivéssemos atropelado o cachorrinho dele. Custava-lhe muito ser simpático? — Ela observa bem o meu rosto. — Agora a sério. Estás bem?

Fungo, e ela abraça-me. Sabe bem abraçá-la de volta, estar rodeada do cheiro a coco do seu champô, do calor do seu corpo nesta câmara frigorífica gelada.

Abano a cabeça.

— Está tudo bem. Menos todo o fiasco de me sentar nas laranjas do Logan.

A Tawny revira os olhos.

— Oh, ele que se lixe. Muita sorte teria ele se te sentasses mesmo em cima das suas laranjas.

Quando me sinto pronta, a Tawny guia-nos de volta para limparmos a pilha de ementas sujas no balcão da frente. Estou a esfregar uma mancha duvidosa na parte das sobremesas

quando reparo numa foto de waffles belgas. *Os favoritos do Noah.* Sinto um aperto no peito, como sempre acontece, simplesmente com a memória do nome dele.

O perfeito e lindo Noah de arrancar o coração.

— Para de pensar nele. — A Tawny interrompe os meus pensamentos. É esse o problema de a ter como melhor amiga: ela consegue ler-me a mente.

— Não estava — minto.

— Suspiraste não menos de três vezes neste último minuto. — A Tawny atira outra ementa esfregada para o monte das limpas. — Tens de melhorar esse mau gosto no que toca a homens, Riv.

— Olha quem fala. — Arqueio uma sobrancelha para ela. — Pelo menos, eu não fiquei caidinha pelo rei do baile mais parvo de sempre.

— Como te atreves? — A Tawny acerta-me com uma ementa plástica de forma brincalhona. — Eu não fiquei caidinha. No máximo, tropecei. Além disso, isso foi quando era jovem e tola.

— Foi há cinco meses — digo, sem expressão.

Ela atira o seu rabo de cavalo para espanar divertidamente a minha cara.

— Tal como disse. Jovem e tola.

Pego noutra ementa e ataco uma gema seca no canto.

— Sabes, se o tivesses convidado, ele teria dito que sim.

Nunca na vida ele recusaria. Ela é deslumbrante, com cabelo louro que tinge constantemente de cores diferentes, olhos cor de avelã e um rosto em forma de coração. A Tawny não é apenas bonita; é encantadora de um modo que se infiltra dentro de nós e nos puxa com firmeza para a sua órbita.

Se tenho um pinga de sorte na minha vida, é ela, graças ao deus dos horários que a sentou ao meu lado nas aulas de

Espanhol no 10.º ano. Ela era nova naquele ano mas, de alguma maneira, acabou por me adotar como se fosse ela quem estivesse ali desde sempre. Além da Tita Anna, agora é o mais próximo que tenho de uma família.

— Por favor. — A Tawny lança uma mão de desprezo no ar. — O Matt já passou à história, baby. Vi no Insta que ele apareceu na formatura completamente mocado e, quando caminhou, ou talvez devesse dizer *cambaleou*, pelo palco, tentou ir para o pódio para fazer um discurso.

— Uau. — Pestanejo. — Qual era o discurso?

— Acho que ele só gritou «Roll Tide!»* sem parar. — A Tawny encolhe os ombros. — Vês? Safei-me de boa.

O meu riso esmorece e fico calada.

— Desculpa teres perdido o espetáculo ao vivo. Desculpa teres perdido aquilo tudo — digo em voz baixa. Sinto a pressão dolorosa de antes regressar, subindo-me no peito.

Não suportei ir à formatura, não quando os meus pais não estariam no público a ver-me. Em solidariedade, a Tawny passou o dia comigo no cinema, a saltar de um filme para outro, a comprar-me pipocas e gomas ácidas, passando-me lenço de papel atrás de lenço de papel, tudo sem nunca me fazer sentir que eu era um caso perdido.

— Ei. Ei. — Ela lança-me um olhar sincero, com as sobrancelhas franzidas. — Não te atrevas a pedir desculpa. O meu lugar é ao teu lado. Sempre. — Estica a mão e aperta-me o braço. — Além disso, a minha mãe não ia estar lá de qualquer forma. *Berlim*, dessa vez. Fizeram-na trabalhar dez dias de seguida. — Ela encolhe os ombros. — Não consigo imaginar... voar de um lado para o outro do oceano sem parar.

* «Roll Tide!» é um grito de guerra usado para apoiar as equipas desportivas da Universidade do Alabama. Mas pode também ser dito de modo sarcástico em relação aos habitantes do sul dos EUA, seguindo o estereótipo de que andam todos a ter relações com a própria família. [N. T.]

Para a frente e para trás, para a frente e para trás. Que exercício de futilidade.

A mãe da Tawny é assistente de bordo: uma muito ocupada. Está constantemente a fazer horas extra e turnos a mais para conseguir aguentar-se como mãe solteira. Quase nunca está em casa. Sinto o coração apertado pela Tawny, embora ela me diga para guardar a minha pena para outra pessoa. No que lhe toca, este estado de coisas funciona lindamente. Supervisão mínima significa que consegue viver a sua vida como quer, sem discussões constantes. «Juro que nos amamos mais porque nos vemos menos», é o que ela diz sempre.

Ou costumava dizer. Nos últimos tempos, tem cuidado para não verbalizar nada desse género ao pé de mim.

O Logan passa por nós, trazendo uma pilha de ementas, com os olhos azuis penetrantes.

— Tens uma mesa, Santos. Três águas e uma Coca-Cola.

— Oh — sobressalto-me. — Obrigada, Logan. Não tinhas de...

Mas, já de costas para mim, ele nem sequer me ouve, e eu odeio-me só um bocadinho por reparar nos seus músculos, movendo-se debaixo da t-shirt, no modo como as calças de ganga lhe assentam na perfeição.

Afastando estes pensamentos, antes que a Tawny também repare nisto e me repreenda, vou anotar os pedidos das minhas mesas, pedindo desculpas profusamente pelo tempo que esperaram. As pessoas são incrivelmente simpáticas e deixam-me uma gorjeta generosa. Agarro nas notas dobradas com a mão, o coração a bater mais depressa. E pergunto-me, como sempre:

Foram eles? Podiam ser eles os doadores anónimos?

É um jogo que dou por mim a jogar quase todos os dias. Porém, todas as pistas que segui nos últimos seis meses foram

um beco sem saída. Ex-jogadores do meu pai que agora jogam profissionalmente. Membros do seu grupo dos AA. Um familiar secretamente rico. Até verifiquei com o GoFundMe. «Não, não, não, e isso é contra a nossa política.»

— Não foram eles — diz a Tawny de maneira monótona quando passa por mim, observando-me a fitar a minha gorjeta, aturdida.

E lá está de novo aquela maldita capacidade para ler mentes. Enfio rapidamente as notas no bolso.

— Como é que sabes?

Ela encolhe os ombros.

— Quero dizer, não sei. Mas, Riv, já falámos sobre isto. Porque é que interessa quem to deu? Dinheiro é dinheiro.

Parte de mim sabe que ela tem razão, mas uma parte maior não consegue deixar de lado o mistério. Parece ser mais uma ponta solta na minha vida que se desenrola como um novelo. E por algum motivo, parece diferente de aceitar uma qualquer nota de vinte aqui e ali. Dois milhões de dólares de *uma* única pessoa? Quem tem esse tipo de dinheiro, e quem *mo* daria sem esperar sequer um agradecimento?

Contudo, durante a hora seguinte estou ocupada, felizmente, e tenho de deixar o mistério de lado. Eu e a Tawny desviamo-nos uma da outra como patinadoras artísticas num chão aos quadrados pretos e brancos. É uma sincronicidade que vem de servir às mesas aqui, no Gertie's, desde que tinha 15 anos e de a minha colega ser a minha melhor amiga.

— A mesa seis precisava de mais ketchup. Levei-lhes um frasco — diz a Tawny, enquanto se esquia por baixo da minha bandeja cheia de chás gelados.

— Vi que ficaste com a Sra. Lewis. Deixei-lhe um molho ranch a mais — informo, pendurando o talão seguinte na cozinha.

Quando a casa de **RIVER** ardeu, ela perdeu tudo.

As roupas. A guitarra. O livro de canções.

E mais importante, o pai.

Agora, sente-se presa num emprego sem saída e na sua própria dor. Mas tudo parece mudar quando **LOGAN** — extremamente atraente, extremamente indiferente — parece de repente interessado nela.

A atração é inegável, mas quando **RIVER** descobre um segredo de família há muito escondido, dá por si a questionar tudo. Sobretudo **LOGAN**, que tem os seus próprios segredos obscuros.



**Um thriller romântico, sexy e sombrio,
com um mistério que nos faz virar as
páginas compulsivamente, e um enredo
sensual, da autora do bestseller
*Tudo o que Nunca Dissemos.***



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 seekthebutterfly.pt
 secretsocietypt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-583-801-1



9

7898951838011